Anno 12.º Domingo 14 Julho de 1912 N.º 598

AVENÇA

GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dezenove, n.º 36
ESPINHO
Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empreza GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR
24—RUA DE S. CHRISPIM—26=PORTO
Editor: —*Jeronimo Alves Moreira*

A VICTORIA DA REPUBLICA

Os inimigos da Patria desbaratados

A sublime dedicação do exercito, a heroica atitude dos nossos valentes soldados e a vontade do povo asseguram mais uma vez o triunfo da Republica.

A incursão dos inimigos da Patria foi repelida com firmeza e actos de heroicidade que tornam o exercito e o povo portuguez bem dignos do seu renome historico.

O triunfo definitivo da Republica está bem assegurado, porque os acontecimentos demonstram que as novas instituições traduzem o sentir da nação: — a alma da patria está consubstanciada na Republica.

Uma derrota vergonhosa

A ultima cartada foi jogada.

A derrota vergonhosa dos incursôres não lhes deixará decerto alento para novas arremetidas.

O ataque de Valença e o combate de Chaves devem ter levado ás hostes dos conspiradores o convencimento, bem arreigado, de que é impossivel tentar mais, de que já não é realizavel o plano aventureiro da restauração monarquica em Portugal.

O golpe tornou-se decisivo a valer. Não foi o numero quem venceu. A tenacidade, a fè patriotica e o amor da Republica operaram o prodigio de pôr em desordem, em fuga precipitada, desbaratados e vencidos, as forças consideravelmente mais avultadas dos conspiradores.

Nas fileiras da Republica nem uma deserção, nem um acto, que deslustre.

O acaso proporcionou aos bandoleiros da Galiza uma lição bem eloquente. A cilada audaciosa teve condigno castigo. O relato dos sucessos, muito singelamente desenvolvido, dispensa o comentario.

O feito das armas republicanas merece condigno registo.

Se não soou ainda a hora de se proclamar uma victoria em toda a linha, é todavia o momento para nos regosijarmos com a noticia proxima do triunfo definitivo.

A Republica sairá deste lance com toda a força das instituições consolidadas pelo consenso da nação.

Viva a Republica!

* * *

Não pretendemos fazer aqui a rezenha dos acontecimentos.

A sua retumbancia fez-se já sentir por todo o paiz.

Dia a dia, os jornaes do Porto e de Lisboa, trazem as noticias sensacionaes dos episodios da malograda incursão.

Ha na luta travada dois factos culminantes: é o ataque á praça de Valença e o Combate de Chaves.

De «A Montanha» e de «O Seculo» transcrevemos a narrativa desses dois feitos d'armas dos soldados da Republica, que merecem ficar assinalados nas paginas brilhantes da historia patria.

EM VALENÇA

Não eram ainda 4 horas da madrugada de domingo, quando os traidores assaltaram Valença. Um espesso navoeiro envolvia a vila. Parece que vieram por S. Pedro Pins e Ganfei, tendo atravessado o rio Minho em barcos dos filhos de um individuo chamado Pepe da Malhadoura. O barqueiro está preso, segundo nos afirmaram. Os assaltantes eram uns 200 divididos em quatro grupos de 50 cada um. Um grupo assaltou a estação, outro o quartel da guarda fiscal que fica um pouco para cá da estação, outro ficou na ponte internacional, o outro andou pela vila cometendo tropelias. A estação do caminho de ferro não estava guardada e por isso facil foi esta conquista para os *herois*. Os poucos empregados que ali se encontravam puderam fugir e os paivantes ficaram senhores dela. Ao mesmo tempo, outro grupo, saindo de uma quinta em frente, assaltava o quartel da guarda fiscal, que era comandado pelo 1.º sargento Cardona, que foi preso pelos bandidos que imediatamente o conduziram para a ponte internacional e o apresentaram ao comandante da malta, o ex-capitão Victor Sepulvedo. Ao ver-se surpreendido e presa, impossibilitado de se bater com os traidores por não estar armado quando o assaltaram, o sargento Cardona, num gesto de desprezo pela vida atirou uma bomba ao chão com o proposito de se matar e matar os paivantes. A bomba não rebentou e os traidores não deram por este movimento. O sr. Cardona foi obrigado a saltar um muro para seguir através de umas quintas, indo atrás delle os bandoleiros de espingardas apontadas e comandando sempre:

—Em frente, sargento!

Quando os couceiristas entraram, um 2.º sargento da guarda fiscal, de nome Gonçalves, montou numa bicicleta para vir avisar ao quartel e á fortaleza Como o nevoeiro era muitissimo denso, o sargento não deu pela aproximação dos paivantes, contra os quais vinham avançando. A uns 300 ou 400 metros, romperam fogo contra elle e algumas das suas balas foram para Hespanha. Momentos depois, o Gonçalves era cercado pelos bandoleiros, que o padre Sebastião Pinto da Rocha, parecia capitanear, arvorado em tenente couceiro, em tenente de chumbo. Como este sargento era muito energico quando estava de serviço na ponte, defendendo sempre ferozmente a Republica, não deixando passar nenhum individuo suspeito de conspirador ou de afeiçoado aos paivantes, o clerigo, increpando-o, descarregou-lhe uma espadeirada na cabeça, fazendo-lhe um largo ferimento, felizmente sem gravidade. O Gonçalves ia a responder com uma pistola, mas foi agarrado pelas costas. Seguro assim este valente servidor da Patria, encheram-se de *coragem* os paivantes e deram-lhe uma descarga. Uma bala feriu-o numa mão. Foi tambem conduzido para Espanha, sendo metido no presidio e depois transferido para o quartel de 12 de infanteria, onde já se encontrava o seu camarada Cardona. Os dois prisioneiros, que nos disseram terem sido muito bem tratados pelos sargentos e oficiais do exercito espanhol, só na segunda-feira regressaram a Valença. Parece que em Tuy se supunha que estava restaurada a monarchia em Portugal, sendo esta a razão da demora no regresso dos dois sargentos.

Em frente á fortaleza

Praticadas estas proezas, os paivantes juntaram-se para vir dar o assalto á fortaleza. assalto que ha dias era esperado Continuava denso o nevoeiro, quando os traidores romperam fuzilaria contra a cidadela. De dentro, não lhes responderam logo, porque se entendeu que era preferivel aguardar algum tempo para, com o esfarrapar de neblina melhor se alvejarem os assaltantes. Quanto aos traidores, que se mostravam pouco dispostos a jogar a pele pela monarchia, alguns começaram fugindo, outros, o maior numero, resistiu ainda algum tempo. A certa altura do combate resolveu-se empregar uma metralhadora, que do parapeito de um dos baluartes começou a chover balas sobre os assaltantes. Tomados de pavor, os conspiradores largam em doida fuga. Uns fugiram pela ponte internacional, outros atiraram-se ao rio Minho para alcançarem a outra margem, outros fugiram para o monte de Faro, que ergue os cerros em frente á estação de Valença; de lá fugiram para as Furnas e do ali para a Portela do Extremo, depois de perseguidos ante-ontem por uma força de 40 praças de infanteria, sob o comando do tenente Silva Ferraz e do aspirante Couto. No rio Minho afogaram-se alguns fugitivos, uns por não saberem nadar e outros por ficarem presos numas plantas que se ocultam sob as aguas. A muitos valeram alguns barcos de Espanha que os vieram buscar. A praça está sob o comando do sr. tecente-coronel Fragoso. Durante o combate, oficiais e soldados deram provas de uma admiravel dedicação pela Republica e de grande coragem, expondo-se heroicamente para honrarem a sua farda de bons e leais filhos de Portugal. Honraram-se estes valentes e honroram toda a nação, todo o povo português. Honra, pois aos soldados da Republical Viva o exercito.

Os paivantes deixam mortos, feridos e prisioneiros

Os paivantes deixaram no campo da batalha dois mortos Um, é um pobre jornaleiro que um malandrim de um padre arrastou para as hostes couceiristas para agora vir morrer como traidor da Patria, pagando com a morte o seu nefando crime. Chamava-se Silva e era cabo de rancheiros entre os conspiradores. O outro parece averiguado que é filho do conde de Carcavelos. Disseram-nos chamar-se Pereira Frazão. Matou-o uma bala de espingarda que lhe atrevessou o peito á altura do coração. Era um rapaz vestindo com um certo apuro. Calçava botas de côr, ferradas. O Silva apresentava no craneo um grande rombo, por onde sáia o encéfalo. Estes dois conspiradores, mortos sob a maldição da Patria, foram ambos va-

rados por um atirador especial de infantaria 3.

O Pereira Frazão fazia fogo com uma carabina *Winchester*, ocultando-se por trás de uma arvore. Este traidor manteve-se em combate muito tempo, dando uns 200 tiros. Além do ex-capitão Sepulveda, muitos paivantes ficaram feridos. Da fortaleza viam-nos conduzirem-nos ás costas ou amparando-os, pela ponte internacional fóra, caminho de Tuy. Tambem foi morto por uma pequena sécie de uma metralhadora um homem que de um campo fazia sinais aos invasores. Na prisão da fortaleza encontram-se 8 prisioneiros, entre os quais o ex-sargento Lima, o traidor que denunc ou os camaradas por ocasião do movimento revolucionario de 28 de janeiro.

Como vestem os conspiradores

Os couceiristas trajam em geral jaleca e calças de zuarte azul e alguns de kaki. Na cabeça usam boina azul tendo á frente uma roseta azul e branca Muitos ostentavam sobre o peito uns papelzinhos ou trapinhos tendo estampado o *coração de Jesus*, como se quisessem bem acenturar que a conspirata é obra de jesuitas. Os paivantes que entraram em Valença vinham no geral mal armados. A maior parte delles trazia espingardas *Remington* e algumas caçadeiras. Tambem traziam bombas e latas de gazolina, que eram destinadas a incendiar as casas dalgnns cidadãos conhecidos pelas suas ideids republicanas.

Um padre a deitar bombas

Quando os traidores formaram á entrada da ponte internacional do lado de Portugal, assenhorearam-se da barraca do imposto do pão, da alfandega e do quartel da guarda fiscal. O abade de Ganfei dava ordens. Os portugueses, que iam a passar na ponte eram presos e obrigados a pegar em armas entre os paivantes. Foi o que sucedeu ao guarda-freio Antonio de Sousa Machado e a outros empregados que vinham para o comboio das 8 menos 5 da manhã. O canalha do abade Luiz Pereira, entrando no quartel da guarda fiscal que fica á entrada da ponte e donde tinham retirado os soldados para se dirigirem para a fortaleza, deitou varias bombas, que deixaram a casa muitissimo damnificada. Estivemos lá. O tecto e o sobrado apresentam grandes rombos e as camas tinham os ferros partidos e os colchões despedaçados. Uns moveis que ali se encontravam arrombados. Os estragos neste quartel são muito importantes. O facinora do padre, enquanto lançava as bombas, cantava o estribilho da canalha couceirista *queremos Deus que é o nosso rei* e vomitava algum latim, associando a côrte celestial ao seu acto de cobarde vandalismo. Começa a ser necessario exterminar o padre reaccionario, que deshonra a raça portuguesa.

Varias gatunices dos paivantes

São muitos os actos de gatunice praticados pelos paivantes, que fieis aos seus criminosos principios, se afirmam sempre dignos paladinos do regime crapuloso da monarchia, o que equivale a dizer uns refinados gatunos. Pudemos apurar os seguintes:

Roubaram todo o dinheiro que encontraram no quartel da guarda fiscal, junto á ponte.

No quartel da mesma guarda, que fica perto da estação, roubaram cartucheiras, um revólver e uma espingarda de caça, que pertencia ao sargento Gonçalves.

Na barraca do imposto do pão, junto á ponte, tambem «fizeram mão baixa» nos cobres que lá encontraram.

Ainda roubaram mais dois revólveres, que lhe foram apreendidos em Hespanha. Ha ainda outras gatunices, e se mais não praticou esta corja imunda foi porque as balas dos heroes defensores da Republica correram esta quadrilha. Algumas casas foram assaltadas por estes bandoleiros, que obrigaram os seus inquilinos a sair e forçaram-nos a dar vivas á monarchia dos adiantamentos e ao cobarde D. Manuel, que elles tambem representam. Uma nota comica: os paivantes que estavam capitaneados pelo bandido Victor Sepulveda davam-lhe vivas e a Deus, á falecida rainha Maria Pia, á santa religião, ao judas Couceiro, etc. O filho da estação de Valença foi levado pelos traidores para Espanha, de onde já regressou.

Apreensão de armas, munições e explosivos

Na insua de Conguedo, foram apreendidas 20 bombas de rastilho, 25 espingardas, e dois caixotes com dinamite, munidos de rastilho que eram destinados a fazer voar algumas casas de republicanos. Das armas, duas são de caça, uma de dois canos, de carregar pela culatra, e outra de um cano, de carregar pela boca; as outras são Remington, algumas com o fechos escangalhados, quasi todas sem alça. As coronhas são muito mal feitas. E' claro que foram todas pagas por bom dinheiro, e assim se *armaram* os conspiradores com grossa maquia. Os paivantes tambem cercaram o Hotel Rio Minho, no intuito de praticarem algum atentado, por supôrem que estivesse lá o consul português em Tuy.

A dedicação patriotica dos civis

Mais de 20 individues se apresentaram ao governador da fortaleza para se baterem contra os couceiristas. Lá se conservaram todo o tempo que o combate durou, dando provas de uma grande coragem e de uma bela dedicação. Lá estiveram, entre outros de quem não pudemos tomar os nomes, os srs. dr. Adolfo Cunha, antigo administrador de Valença, Fernando Marques da Costa, Norberto Silva, Filipe Lemos, Manuel Tavares, Correia Peixoto, Aristides Silva, Rozendo da Paz, Manuel Amarel, Manuel Correia, Augusto Candido, Armando Passos e Virgilio Sobral. Estes dedicados defensores do regime estavam armadas com Mausers fornecidas pelo grupa de metralhadoras. Eram comandadas pelo capitão Barros, oficial de ultramar.

Uma farronca

O traidor Victor Sepulveda botou farronca, perante um dos sargentos da guarda fiscal. Assim, afirmou que não seria esta a ultima vez que entram em Portugal, que voltaria breve e que havia de triumfar. Como experiencia da vitoria, a fuga vergonhosa de domingo não está mal!

EM CHAVES

O enviado especial de «O Seculo» conta de modo incisivamente eloquente os episodios de epica jornada de Chaves, que cobriu de gloria o exercito da Republica.

CHAVES, 10. –T.—Mais tranquilamente, depois de ter colhido interessantes pormenores, acho agora ser ocasião opurtuna para descrever o que foi a derrota das tropas de Couceiro. Ninguem imagine aí que se trata apenas de uma escaramuça insignificante ou de um recontro sem grandes consequencias. Não. O que se passou tomou fóros de um feito de armas a valer, de uma ação que hade ficar assinalada na nossa historia militar. E' preciso, porém, que informe pormenorisadamente o que foi essa defeza heroica de Chaves, para que os leitores do *Seculo*, apezar dos telegramas minuciosos do nosso correspondente, já conhecidos, saibam que o soldado portuguez não perdeu nada das qualidades que o acreditaram como dos melhores do mundo.

Ha dias que em Chaves corriam rumores de uma proxima incursão. Estabelecida a necessaria defeza por parte da tropa e com vigilancia por parte dos civis que aqui defendem a Republica, esperavam-se pacientemente noticias que indicassem a entrada dos conspiradores em Portugal.

Essas noticias chegaram aqui no dia 6 e no dia 7 sairam ao encontro do inimigo cêrca de duzentos homens de artilharia, cavalaria e infantaria, indo encontra-lo em Vila Verde, onde regularmente, segundo todas as praxes militares, deu-lhes um combate, desalojando os e fazendo-os retirar para Fezes, até onde as nossas forças os perseguiram.

Ali, porém, os conspiradores entrincheiraram-se em territorio hespanhol e fizeram fogo nutrido sobre os nossos sendo da ponte internacional que foi disparado o tiro que feriu o capitão Maia Magalhães.

Visto estarem internados em Hespanha, as nossas forças recolheram a Chaves, a tempo precisamente de saberem que esse ou outro bando marchava sobre Montalegre, motivo porque imediatamente se constituiu uma forte brigada de cavalaria, infantaria e artilharia, a qual marchou no dia 8 de madrugada, não para Montalegre, mas para Sepiões, precisamente a meio caminho entre aquela vila e esta. Infelizmente, porém. Chaves ficou quasi desguarnecida com algumas dezenas de soldados apenas, mas tranquila, visto ninguem julgar que os couceiristas tivessem o atrevimento de vir atacal-a.

A espionagem em Chaves anima o inimigo a dar batalha

Comtudo, os conspiradores tinham cá dentro tão bons elementos de espionagem que, em breve sabiam do facto e, a marchas forçadas, n'uma quasi louca travessia, tomaram o caminho d'esta vila, passando por Bostelos e descançando alguns momentos em S. Jorge.

Um lavrador d'ali, casado com uma leiteira que viera a Chaves. receoso por ela, partiu a correr estrada fóra, em cabelo e mangas de camisa, e, entrando aqui como doido, ás 8 horas, lançou na vila a noticia.

A noticia não foi a principio acreditada; mas meia hora depois ouviram-se os primeiros tiros e soube-se que o inimigo, sem resistencia por não ter encontrado ninguem estava alcantilado no espaldão da carreira do tiro a kilometro e meio da vila, colocando ali a sua guarda avançada, emquanto em dois pinheiraes distantes estabeleciam duas peças de montanha e sete metralhadoras, protegendo a reserva que foi acampar no pinheiral do lado esquerdo, na totalidade—numero exacto—de 817 homens.

A artilharia era comandada superiormente por Paiva Couceiro, por Saturio Pires e por aquele capitão Ferreira, de artilharia 2, da Figueira da Foz, condenado no tribunal das Trinas, mas mandado em liberdade pela Relação.

Não se pode imaginar o que se passou então na vila. Logo aos primeiros tiros o alarme foi enorme. Emquanto tudo corria a refugior-se em casa, os que tinham a peito defender a vila armaram-se nos quarteis, e, com os poucos soldados, constituiram uma força de 170 homens, todos apeados, correndo ao encontro dos conspiradores.

Como principiou o combate—A audacia da guarda republicana

A primeira posição ocupada pelas nossas forças foi á entrada do cemiterio novo, causando d'alli logo aos primeiros tiros grandes baixas no inimigo. Organisados melhor e metidos em linha de atiradores, os nossos soldados e uma hora depois uma outra, constituindo a trinta metros de distancia dos sitiantes um forte nucleo, varrendo ferozmente a guarda avançada, colocada no espaldão.

A's 10 e meia as nossas tropas n'um arranco epico, formidavel, calam baionetas e soldados e civis n'uma avançada digna dos heroes do Bussaco. avançam sobre a posição dos inimigos, desalojando-os d'alli. Varridos, porém, pela artilharia inimiga voltaram a recuar, tendo deixado nos inimigos evidentes sinaes da sua bravura, pois que o campo d'elles ficou com bastantes mortos e feridos. Voltando as nossas forças á sua ultima posição, continuaram sustentando nutridissimo fogo, sendo então que caíram feridos tres oficiais, alvejados certamente de preferencia pelos atiradores escolhidos dos «paivantes».

Durante esse momento, ao dar-se este acontecimento, os nossos soldados, todos recrutas, de dezenove a vinte anos, com oito semanas apenas de exercicio, tiveram uma leve indecisão. Mas numa exaltação formidavel calaram baioneta, abandonaram a sua posição e largaram a correr contra o citado espaldão.

A minha pena não pode agora descrever o que foi esse encontro epico e glorioso. Basta que lhes diga que aqueles bravos se bateram como leões, corpo a corpo, á coronhada, á baionetada, a soco, á dentada e a tiro, O destroço dos conspiradores tornou-se eutão evidente. Da sua guarda-avançada, os qne não morreram ou ficaram feridos caíram prisioneiros dos nossos, entregando-se alguns cobardemente, suplicando de joelhos que não lhes fizessem mal e confessando-se uns desgraçados.

Apezar d'isto, a reserva, onde as baixas eram já tambem consideraveis, tentava resistir, sendo necessario confessar que o inimigo, posto que desalentado pela resistencia dos nossos, sustentou sempre nutrido fogo, não deixando durante um minuto que fosse, de incomodar o nosso reduzidissimo numero de soldados. Esta situação tornava-se porém insustentavel; e por isso, n'um automovel partiram varios civis a prevenir as forças que estacionavam em Sepiões, para que regressassem a toda a pressa ao local do combate.

Durante este tempo a luta não afrouxou, e Maia Magalhães, que estava em casa, com sua irmã, apezar de ferido e coxo d'uma perna, saiu d'ali amparado por dois soidados, encaminhando-se para a linha de fogo, onde organisou uma pequenissima coluna para ir atacar o inimigo de flanco.

Miuutos depois de abandonar o seu quarto, uma granada dos conspiradores entrou no predio contiguo, e, passando a parede, foi-se encaixar no colxão da sua cama, onde o mataria se por a caso ainda ali estivesse.

Como foi preso D. João d'Almeida—A «bagagem» do traidor

Foi por tanto quando a sua gente tentava este movimonto, que apareceu João de Almeida, montado num cavalo. passando junto dos nossos soldados de cavalari 6, que o nao conheceram e a quem ele mandou que seguissem ávante.

O peor, porém. foi que o sargento Manoel Joaquim Carneiro, de infantaria 19, auxiliado pelos soldados João Batista e Alipio Manuel e cabo Francisco Amancio Gregorio, o reconheceram e, fazendo-o saltar do animal, deram-lhe voz de prisão.

João de Almeida resistiu, tentando puxar da pistola. Mas o sargento, levando a carabina á cara, obrigou-o a levantar os braços e a entregar-se, ao mesmo tempo que o intimava a largar tudo quanto levava, e que era o bastão correspondente ao posto de comandante de estado maior, a sua pistola, uma msgnifica e linda espada, fabricada em Toledo, repleta de arabescos, tendo nos copos a ouro as imagens da Conceição, S. Miguel e Santo Antonio, e lendo-se na folha os seguintes dizeres: «São Miguel me desambainha».

Foi-lhe tambem apreendida a bagagem com livros religiosos, bentinhos, rosarios e diversos artigos de *toilete*.

Conduzido pelo sargento e soldados acima citados, João de Almeida, depois de declinar a sua qualidade de oficial austriaco, veiu para a vila, onde esteve para ser linchado pelos populares, recolhendo em seguida, juntamente com os outros prisioneiros, ao calabouço do regimento de infantaria 19, sem outras atenções ou honras que não sejam as que se costumam dispensar aos presos comuns e criminosos que, como ele, se encontram pronunciados pelo crime de homicidio.

Emquanto isto se passava, eram feitos prisioneiros outros traidores, figurando n'eles o picador Ornelas Vasconcelos, D. Pedro da Costa (Vila Franca), ajudante de tenente Vitor de Menezes, ambos feridos gravemente, tendo o segundo morrido no hospital de Chaves no dia imediato, apoz ter declinado a sua qualidade e filiação.

Ao mesmo tempo que se efetuavam estas prisões, as nossas tropas combatiam cada vez mais rudemente o inimigo, causando-lhe tantas baixas e não sendo fantasia afirmar que todos, feridos e presos, serão uns cento o cincoenta homens.

Paiva Couceire, em virtude d'esta vergonhosa derrota, ordenou que, como *révanche*, a artilharia bombardeasse a vila, sendo para ali dirigidas muitas granadas que, embora alvejando os qnarteis de infantaria 19 e cavalaria 6, pelas suas más pontarias, se perderam longe.

Umas e outras foram cair em varios predios de Chaves. causando bastantes prejuizos.

Finalmente, ás 14 horas e meia, o grosso da nossa artilharia, vinda de Sapiões, tomou posições no Alto da Forca e, fazendo fogo nutrido sobre o inimigo, acabou por dizimal-o, pondo-o em debandada, desordenadamente, acabando o combate cêrca das 18 horas, o que quer dizer que durou quasi dez horas, sem o mais leve desalento por parte das nossas forças.

Tudo concluido. foi-se á recôlha dos presos e dos feridos, sendo muitos os cadaveres encontrados, cuja nota já para aí foi.

Apezar de tudo, o inimigo conseguiu prender alguns dos nossos, entre os quais dois soldados de cavalaria, a quem quizeram obrigar a fazer fogo, mas que, por fim, condenaram a enterrar os cadaveres. Esses dois soldados, que mais tarde conseguiram fugir, contam que deram sepultura a uns dez couceiristas entre os quais um ainda vivo, por ordem de quem dirigia este serviço.

DR. MANUEL LARANJEIRA

Foi singularmente significativa a modesta, mas eloquente, homenagem que o «Gremio Imparcial» prestou á memoria saudosa do Dr. Manuel Laranjeira, inaugurando o seu retrato.

Presidiu a sessão solemne, o Snr. Dr. Fernando Mattos.

Usaram da palavra varios oradores e decerrou o retrato o Snr. João Marques dos Santos. O orfeon executou, magistralmente algumas das suas composições.

Esta cerimonia realisou-se, á hora indicada, no Salão Avenida, ante numerosa e selecta assistencia.

COMENTARIOS

Os padres em acção

Os couceiristas contavam a sério com a cooperação da clerica-

lha cá de dentro. E é certo que o *padre* desempenhou na tentativa restauradôra um papel importante. Quasi todos os mesmos .. por toda a parte!

O facinora de Cabeceiras de Basto, o celebre Padre Domingos, esse—rezam as chronicas é um malandrim—renegado de manhas ruins. E' cacique, apostáta, hipocrita e assassino!... pelo menos!...

O parlamento

No dia 10 foi encerrada, com vivas demonstrações patrioticas, a sessão legislativa. Ficaram para segundas leituras o codigo eleitoral e o administrativo.

Lei marcial

Entre os diplomas ultimamente promulgados pelo congresso figura a *lei marcial*.

Assim o exigem as circunstancias de occasião.

Um redemtorista

A coincidir com a incursão dos paivantes pairou por Louroza um frade espanhol, serafico redemtorista, ex-director do coio em tempos ali estabelecido. O frade foi recebido com demonstrações de carinho. Nós crêmos que ainda vigora a lei que ordenou a expulsão dessa canalha. Ou não?

Alarme infundado

Na quinta-feira ultima, de manhã, evolucionou proximo da costa de Espinho, uma embarcação a vapôr. Interrogadas as auctoridades do Porto, nada sabiam. Mais tarde averiguou-se que era vapôr mercante, que sofrêra avaria e andava desnorteado com o nevoeiro. Deu por fim entrada na barra do Porto.

O caso motivou suspeita, logo desvanecida.

Boatos

Sempre o *boato*.

Ha tantos e alguns bem destoantes.

E' de notar o gaudio e a pressa com que *certos amigos* da Republica propalam *contristados* as noticias que mais desfavoraveis aparecem á causa da Republica.

Não seria descabido um corretivo fraternal.

A NOSSA CARTEIRA

Regressou de Entre-os-Rios o nosso presado amigo, snr. José de Sá Couto Moreira.

—Partiu para Felgueira, com sua ex.ma familia, o nosso amigo snr. Alexandre Brandão.

Ecos da incursão

Em Cabeceiras de Basto.—O assassinato do administrador do concelho.

O nosso dedicado correlegionario João de Mendonça Barrêto foi barbaramente assassinado em Cabeceiras de Basto, onde com sincera devoção pela Republica desempenhava as funções de administrador do concelho. De todas as terras do pais foi Cabeceiras a terra minhôta que desta vez se salientou em dedicação á causa monarquica. Os reacionarios dali, comandados por um padre iniciaram as suas proezas de combate descarregando, imprevistamente, sobre o administrador do concelho e o secretario de finanças. O tragico acontecimento é assim relatado neste laconico telegrama de Fafe.

«*Fafe 10*.— O assassinio do sr. Mendonça Barreto, administrador de Cabeçeiras foi assim realisado. No sabado, ás 18 horas chegou de Braga em automovel o administrador. O povo, instigado pela padralhada já estava amotinado e acampado no monte.

Foi Mendonça Barreto jantar ae Hotel do Moura. Depois saiu para a praça. Começou logo o tiroteio contra a auctoridade, tendo partido os primeiros tiros do *Hotel Escacha*, onde Mendonça Barreto estava hospedado, e da casa do comerciante Queiroz — ferrenho reacionario. O povo comandado pelo cacique e talassa padre Domingos, com um estado maior de quasi todos os padres do concelho, estava armado de carabinas, pistolas *Browning*, caçadeiras, foices e paus.

Os primeiros tiros não atingiram o administrador. Uns 15 minitos depois recomeçou a fuzilaria da casa dos reacionarios, e tambem do monte que domina a praça. Algumas balas feriram o administrador no ante-braço e clavicula esquerda.

Um projectil, dirigido ao lado direito, atravessou-lhe o pulmão determinando-lhe a morte. O administrador era apenas acompanhado pelos snrs. Domingos de Magalhães e Arnaldo Barros, que lhe assistiram aos ultimos momentos em casa do comerciante Leite. Os amotinados eram uns trezentos a quatrocentos. Antes deste criminoso acontecimento já tinha sido ferido o secretario de finanças sr. Taborda, quando dava o seu habitual passeio para os lados de Ccarrezeda. Atacaram-no uns dez individuòs, que eram capitaneados pelo oficial de deligencias Albino, filho do Bocalha em cujo hotel o sr. Taborda estava alojado. Atacado a tiro recebeu algumas balas, uma das quaes lhe atingiu o queixo »

Os bandoleiros de Cabeceiras abandonaram a vila pondo-se a monte. A casa do padre Domingos foi incendiada.

As tropas vindas de Braga perseguem e apertam os turbulentos monarquistas, sendo de ver que em breves dias tudo fique limpo da nefasta horda de bandidos.

O cadaver do malogrado João de Mendonça Barreto, depois de feita a autopsia, foi trasladado para Aveiro terra da sua naturalidade.

João de Mendonça Barreto, homem ainda novo, era ouzado e vigoroso. Muito lhano e simpatico frequentava constante Espinho onde tinha familia. Deixa dois filhos ainda de menor edade. Justo é que o Governo da Republica saiba minorar a sorte daqueles, cujo pae foi um verdadeiro martir sacrificado á sanha feroz dos inimigos do actual regime.

* * *

Noutros pontos do paiz a reação demon trou querer solidarisar-se com a façanha restauradora dos paivantes, limitaram. segundo consta, os impetos guerreiros ao geito de derrubar postes telegraficos. Na estrada antiga *Real*, do Porto a Coimbra foram derrubados alguns dentro dos concelhos da Feira a Oliveira e tambem em Ovar.

* * *

Em Espinho—socego perfeito. Vigilancia

Em Espinho tem havido inteira paz. Os republicanos locaes estabeleceram, entretanto, assidua vigilancia, em que mais uma vez se provam as dedicações sinceras pela Republica.

—O Centro Democratico de Espinho tem afixado *placards*, noticiando, dia a dia, os episodios mais salientes dos ultimos acontecimentos.

—A' passagem dos contingentes de tropa que em varios comboios tem seguido em direção ao norte, o povo de Espinho saúda calorosamente os heroicos defensores da patria.

* * *

Onde pára o Couceiro?

Segundo todas as probabilidades, Paiva Couceiro, após o combate de Chaves, fugiu desesperadamente a internar-se na Galiza, onde o esperavam a espoza e a filha. Consta que foi ferido e que deixára o capote no campo de batalha.

Em certos casos a valentia é.. fugir a tempo,

O impedido do tragico aventureiro foi um dos feridos que vieram para o hospital de Chaves, onde acaba de falecer.

* * *

Em varios pontos do paiz teve repercussão a façanha guerreira do norte, dando os reaccionarios demonstração do seu intento.

Todas essas escaramuças téem sido reprimidos sem grande esforço.

No resto da fronteira a tranquilidade é perfeita.

* * *

Os conspiradores de Cabeceiras, ainda a monte, téem sido batidos denodadamente. As tropas tentam envolvê-los num cerco apertado.

* * *

Os bandidos do Sul

Prisões—Apreensão de armamento

LISBOA, 12, ás 17 h.

Os republicanos de Queluz, com carbonarios de Lisboa, apoiados por vinte praças de artilharia a cavalo, comandadas pelo alferes Passos e sargentos Guedes e Evangelista, cercaram um casal situado na serra Carrasqueira, Belas, onde se reuniam conspiradores.

Foram presos quatro fidalgos, de barba rapada, e Augusto Peres Brum da Silveira, ex-sargento cadete de cavalaria 2, D. Francisco Neto Vasco, Antonio da Camara (Belmonte) e Laurentino Pereira.

Tinham numeroso armamento escondido no forro da casa, carabinas, pistolas Browning, revólveres Abadi, dinamite e muitas munições.

Os presos foram conduzidos em automoveis para o quartel de Quéluz onde estão no calabouço n.º 1 com sentinela á vista.

Outros bandidos planeavam um assalto a este quartel, onde contavam, segundo dizem, com elementos desconhecidos.

Depois desta tentativa foi preso pelo cidadão Manuel Lopes, mais um camponez suspeito—*Falcão*.

CASOS E NOTICIAS

O tempo e o mar—O tempo continua ainda inconstante e pouco proprio para a vida da praia.

O mar tem dado apenas mexoalho. Uma penuria extrema!

Banhistas—Apezar da ingratidão do tempo e das infundadas noticias terroristas, continuam a afluir a Espinho algumas familias espanholas para veranear.

Tudo se ha de compôr, por Deus!

Expropriação por zonas—A Camara de Espinho pediu que o projecto de expropriação por zonas fosse extensivo a esta povoação.

Segundo parece, alguma coisa de positivo se conseguiu.

Espetaculo—Decorreu animado, agradando o desempenho, o espetaculo de domingo ultimo, efetuado no Teatro Aliança pelo grupe senico «União Primeiro de Maio.»

Fócos eletricos—Começa hoje a funcionar a iluminação publica intensiva por fócos eletricos.

Uma bomba—Deu-se em Silvalde, junto á casa da residencia do Reverendo Abade, a detonação duma bomba explosiva. O petardo produziu apenas ligeiros danos materiaes.

E' claro que não podemos apoiar este processo anarquico, ainda que ele não seja senão por brincadeira... de mau gosto.

O 14 de julho—Deve celebrar-se com demonstração de regosijo publico o aniversario, que hoje passa, da tomada da Bastilha.

Junta de Paroquia—A Comissão Paroquial Administrativa de Espinho, resolveu em sua sessão de 6 do corrente, transferir as suas sessões ordinarias que se realisavam aos sabados, para as segundas feiras, sendo a primeira no dia 22 do corrente.

Contas de um espectaculo—Publicamos as contas dum espectaculo realisado em Espinho e de cuja administração se incumbiu o sr. Mariano Lopes que as mesmas contas subscreve.

Falta de espaço—A' ultima hora vimo-nos forçados a retirar alguns artigos e noticias para darmos desenvolvimento á incursão, do que pedimos desculpa aos nossos collaboradores.

OS TRIBUNAES MARCIAIS

A vergonhosa, a nojenta melgueira das absolvições terminou de vez para os conspiradores. D'ora avante os traidores á Patria, ou sejam de moderna ou antiga data, terão de ser julgados pelos tribunaes de guerra. E como os oficiaes do exercito não subordinam os dictames da sua consciencia ás conveniencias reiseiras, se as provas de culpabilidade forem serias e convincentes, o castigo será certo e imediato. Assim o exigem a Justiça e a defeza da Republica.

Era muito bem feito que os jurados que, a despeito das provas esmagadoras, absolveram cinicamente, sem vergonha e sem decoro, os conspiradores de Aveiro S.to Tirso e tantos outros que imediatamente se foram enfileirar nas hostes couceiristas, comparecessem tambem perante os juizes militares a prestarem contas do escandalo que deram. Mas pelos modos não está isso prescrito na lei. Lamentavel lacuna do codigo!

O PADRE

(Excerptos de um artigo de **André Brum**):

«Onde quer que uma voz se levante, que um braço se erga, que um sino toque a rebate ou que um tiro se dispare contra a Republica, ahi está sempre um padre. Desde o boato habilmente propalado até á propaganda do confessionario, desde a obstrucção cautelosa até á rebelião sem rebuço, todas as armas elle usa contra o novo regimen, E se o das cidades, onde o anti-clericalismo se tem desenvolvido violentamente, escolhe de preferencia os meios suaves e cautellosos. o das aldeias,—demonstram-no agora dezenas de factos - é abertamente o cabecilha da contra revolução. Amotina em pessoa as populações, dirige as represalias e aquelle vinho envenenado de Cabeceiras tem uma marca padresca inil ludivel.

.....

Para o padre portuguez, nasua maioria politiqueiro, explorador de bolsas e de conveniencias, pretenso dominador espiritual do rebanho que conseguiu pastorear por nomeação do governo, o rancor pessoal deve sobrelevar aquelle que natnralmente domina a classe inteira. Por isso, alguns, mais exaltados, fazem fogo a descoberto, jogam a vida sobre a carta da traição. Os **outros, os mais inteligentes, aquelles que sobrepõem o interesse da sua casta aos interesses proprios, continuam a actuar na sombra e o seu trabalho não é menos intenso.** A lei de Separação foi a primeira lei de defesa da Republica e foi, talvez, demasiadamente benevola para um inimigo inevitavel e feroz.»

Uma nota diplomatica da Inglaterra e da França

Lisboa, 13, ás 3,30 m.=O «Paiz» publica, em grosso normando, a seguinte noticia:

«Informações que temos por absolutamente seguras dizem que o governo hespanhol recebeu uma nota conjunta da Inglaterra e da França, redigida em termos energicos, lembrando os principios do direito internacional que impunham á Hespanha o dever de respeitar a Republica Portugueza.

Parece que foi em vista de esta nota que o Governador de Orense foi demittido e transferido o de Pontevedra».

Comissão Parochial administrativa da freguesia de Espinho

A comissão acima referida, faz publico que até ás 12 horas do dia 27 do corrente, se recebem propostas em carta fechada e lacrada para a reconstrucção da Escola Conde de Ferreira. A's 14 horas do referido dia 27, serão abertas as propostas na presença dos proponentes que quizerem assistir a esse acto, reservando a comissão o direito de fazer ou não a adjudicação conforme julgar conveniente aos interesses da parochia.

Só se abrirá licitação verbal no caso duma ou mais propostas apresentarem o mesmo preço minimo.

As propostas poderão abranger toda a obra na totalidade ou simplesmente as tarefas respeitantes a cada uma das artes de construção civil.

Os desenhos, condições a caderno de encargos, acham-se patentes na secretaria da comissão sita no edificio dos Paços do Concelho, em todos os dias uteis desde as 10 as 16 horas onde podem ser encaminhadas.

Espinho, e secretaria da comissão ,6 de junho de 1912

O Presidente

Manoel Cezar Ribeiro

Terreno barato

VENDE-SE um proximo da feira (mercado) com 1,533 m2 e com trez frentes. Fala-se na estação telegrafo-postal de Espinho.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

De Espinho a Aveiro

ESTAÇÕES	1	3	5	7	9	11
Espinho-Praia	8,20	17,35	20 25	—	—	—
Espinho-Vouga	8,23	17,38	20,28	—	—	—
Paramos	8,30	17,45	—	—	—	—
Sampaio-Oleiros	8,38	17,53	20,41	—	—	—
Paços de Brandão	8,45	18,0	20,48	—	—	—
Rio Meão	8,51	18,6	—	—	—	—
S. João de Vêr	8,59	18,14	21,1	—	—	—
Cavaco	9,6	18,21	—	—	—	—
Villa da Feira	9,14	18,31	21,14	—	—	—
Arrifana	9,24	18,41	21,24	—	—	—
S. João da Madeira	9,29	18,46	21,30	—	—	—
Couto de Cocujães	9,38	18,55	21,39	—	—	—
Oliveira d'Azemeis	9,58	19,17	21,49	—	—	—
Ul	10,5	19,25	—	—	—	—
P. Bemposta	10,27	19,48	—	—	—	—
Branca	10,33	16,54	—	—	—	—
Albergaria-a-Nova	10,42	20,5	—	—	—	—
Albergaria-a-Velha)C.	10 56	20,19	-	—	—	—
Albergaria-a-Velha)P.	—	—	—	6,35	11,5	14,50
Sarnada	—	—	—	6,55	11,25	15,10
Macinhata	—	—	—	7,4	11,32	15,19
Mourisca	—	—	—	7,23	11,48	15,38
Agueda	—	—	—	7,37	12,2	15,52
Oronho	—	—	—	7,45	—	16,0
C. d'Alvaro	—	—	—	7,49	—	16,4
Cabanões	—	—	—	7,54	—	16,9
Travassô	—	—	—	7,59	—	16,14
Eirol	—	—	—	8,5	12,21	16,20
S. J. Loure	—	—	—	8,12	—	16,27
Eixo	—	—	—	8,17	12,31	16,32
Aveiro	—	—	—	8,31	12,45	16,46

De Aveiro a Espinho

ESTAÇÕES	2	4	6	8	10	12
Aveiro	—	—	—	9,40	15,0	19,15
Eixo	—	—	—	9,55	15,15	19,30
S. J. Loure	—	—	—	10,0	—	19,35
Eirol	—	—	—	10,7	15,25	19,42
Travassô	—	—	—	10,13	—	19,48
Cabanões	—	—	—	10,18	—	19,53
C. d'Alvaro	—	—	—	10,23	—	19,58
Oronho	—	—	—	10,27	—	20,2
Agueda	—	—	—	10,39	15,48	20,14
Mourisca	—	—	—	10,49	15,58	20,24
Macinhata	—	—	—	11,8	16,14	20,43
Sarnada	—	—	—	11,21	16,25	20,56
Albergaria-a-Velha)C.	—	—	—	11,36	16,40	21,11
Albergaria-a-Velha)P.	—	7,20	16,50	—	—	—
Albergaria-a-Nova	—	7,39	17,6	—	—	—
Branca	—	7,47	17,14	—	—	—
P. Bemposta	—	7,55	17,20	—	—	—
Ul	—	8,19	17,42	—	—	—
Oliveira d'Azemeis	5,35	8,36	17,53	—	—	—
Couto de Cocujaes	5.48	8,47	18,6	—	—	—
S. João da Madeira	5,58	8,57	18,15	—	—	—
Arrifana	6,3	9,2	18,20	—	—	—
Villa da Feira	6,13	9,13	18,32	—	—	—
Cacavaco	6,20	9,21	18,89	—	—	—
S. João de Vêr	6,27	9,28	18,47	—	—	—
Rio Meão	6.35	—	18,55	—	—	—
Paços de Brandão	6,41	9,40	19,1	—	—	—
Sampaio-Oleiros	6,48	9,47	19,8	—	—	—
Paramos	6,56	—	19,16	—	—	—
Espinho-Vouga	7,3	10,0	19,23	—	—	—
Espinho-Praia	7,5	10,2	19,25	—	—	—

CONSULTORIO
MEDICO-CIRURGICO
Rua 19 (antiga Pinto Coelho)
ESPINHO
Medicos cirurgiões:
J. PINTO COELHO
RESIDENCIA:
Avenida Graciosa, 72
J. CORREIA MARQUES
R. Vaz d'Oliveira, 1

FOTOGRAPHIA EVARISTO
Avenida Sérpa Pinto, 282
ESPINHO
Execução perfeita de qualquer trabalho photographico.
Retratos em todos os generos.
Reproducções de qualquer etrato por mais antigo que seja
Conclusão de trabalhos aos photographos amadores

HORARIO DOS COMBOIOS

Entre Porto e Lisboa

Estações e Apeadeiros	1502 Tramway	1504 Tramway	18 Omnibus	1506 Tramway	52 Rapido	1508 Tramway	1510 Tramway	20 Tramway	1512 Tramway	1516 Tramway	4 Expresso	2212 Recoveiro	1520 Tramway	56 Rapido	1522 Tramway	1524 Tramway	1526 Tramway	8 Correio	1528 Tramway	1530 Tramway
S. Bento	0.26	6.0	7.14	7.37	8.39	8.58	10 36	11.25	12.40	14.40	15 49	—	16.14	17.49	17.0	18.0	18.54	19.54	20.45	22.25
Campanhã	0.35	6.10	7.25	7.50	8.48	9.7	10.45	11.40	12 50	14 50	16.0	15.25	16.23	18.0	17.10	18.10	19 5	20.25	20.55	22.35
General Torres	0.43	6.18	—	7.58	—	9.15	10.53	11.48	12.58	14.58	—	—	16.31	—	17.18	18.18	19.13	—	21.3	22 42
Gaya	0.47	6.22	7.38	8.2	8 59	9.19	11.1	11.56	13.2	15.2	16.11	16.20	16 35	18.11	17.22	18.22	19.21	20.37	21.7	22.46
Coimbrões	0.51	6.26	—	8 5		9.22	11.4	—	13.5	15.5		—	16 38		17.25	18.26	19.24		21.10	22.50
Magdalena	0 54	6.29	—	8.9		9.26	11.8	—	13 9	15.9		—	16.42		17 29	18.29	19.28		21.14	22.54
Valladares	0.58	6.33	7.46	8.13		9.30	11.12	12.5	13.13	15.13	16.19	16.34	16.46		17.33	18.33	19.33		21.18	22 58
Francellos	1.2	6 37	—	8.17		9 34	11.16	—	13.17	15.17		—	16.50		17.37	18.37	19.38		21.22	23.2
Miramar	1.6	6.41	—	8.21		9.38	11.20	—	13.21	15.21		—	16.54		17 41	18.41	19.41		21.26	23.6
Aguda	1.9	6.44	—	8.24		9 41	11.24	—	13.24	15.24		—	16 57		17.44	18.44	19 45		21.29	23.9
Granja	1.13	6 48	7.56	8.28	9.12	9.45	11.28	12.14	13.28	15.28	16.28	16.45	17.1	18.24	17.48	18.48	19.49	20.53	21.33	23.13
Espinho	1.21	6.56	8.4	8.38	9.18	9.50	11 36	12.21	13.33	15 36	16.36	17.0	17.18	18.30	17.53	18.56	19.57	20.59	21.38	23 18
Pedreira	1.24	6 59	—				11.39	—		15.39		—	—			18.59	20.0			
Sisto	1.27	7.2	—				11.42	—		15.42		—	—			19.2	20.3			
Paramos	1.30	7.5	—				11.45	—		15.46		—	—			19.5	20.6			
Esmoriz	1.34	7.9	8.12				11.49	—		15.49	16.44	—	17.28			19 9	20.11			
Cortegaça	1.39	7 14	—				11.54	—		15.54		—				18.14	20.16			
Carvalheira	1 43	7.18	—				11.59	—		15.59		—				19.18	20.21			
Ovar	1.53	7.28	8.27				12.11	12 44		16.10	17 2	17.36	Só se efétua ás 4.as feiras, sabados e domingos			19.28	20 34			
Vallega			8.33				12.17	—		16.16		—					20.40			
Avanca			8.38				12.23	—		16.22		—					20.46			
Estarreja			8.50				12.36	13.4		16.36	17.20	18.10					20.59			
Salreu			—				12.40	—		16.39		—					21.3			
Canellas			8.56				12.43	—		16.42		—					21.6			
Cacia			9 3				12.51	—		16 50		—					21.14			
Aveiro			9.14		9 54		13 2	13 24		17.1	17.43	19.14		19.6			21.25	21.47		
Pampilhosa			10.12		10.32			14.32			18.47	21.11		19.44				22.44		
Coimbra			11.35		10.59			15.20			19.50	21.49		20.21				0.3		
Lisboa			17 55		14.31			—			1.13	—		23.44				6.15		

Entre Lisboa e Porto

Estações e Apeadeiros	1501 Tramway	1503 Tramway	15 Correio	1505 Tramway	1507 Tramway	1509 Tramway	1511 Tramway	17 Tramway	2077 Tramway	51 Rapido	1513 Tramway	1515 Tramway	1517 Tramway	1519 Tramway	3 Omnibus	1521 Tramway	1523 Tramway	20 Omnibus	1525 Tramway	55 Rapido
Lisboa	Só á 4.as 2.as feiras		22.10					—	19.5	8.30			A's 2.as, 3.as, 5.as e 6.as feiras só parte de Espinho							
Coimbra			3.25					8.45	22.10	11.45					9.30			11.36		19.0
Pampilhosa			4.38					9.59	7.59	12.18					16.20			19 30		22.10
Aveiro			5.41	6.0				11.8	11.24	12.57		14.47			17.36			20.48		22.44
Cacia				6.13					11.40			15.0			18.41	19.10		21.48		23.23
Canellas				6.20					11.47			15.7				19 23		21.58		
Salreu				6.23					11.50			15.10				19 30				
Estarreja			6 4	6.31				11.30	11.59			15.18				19.33				
Avanca				6 42					12.10			15.29			19.1	19.41		22.13		
Vallega				6.47					12.15			15.34				19.52				
Ovar		5.30	6.26	6.55	8.0			11.48	12 26			15.42				19.57				
Carvalheira		5.41		7.5	8.10				12.37			15.52			19.19	20.5	21.30	22.30		
Cortegaça		5.46		7.9	8.15				12.41			15.56				20.15	21.41			
Esmoriz	5.30	5.52	6.41	7.15	8.21				12 48			16.2	17 34			20.19	21.46			
Paramos	5.34	5.56		7.18	8.25				12.51			16 5			19.33	20.25	21.52	22.44		
Sisto	5.37	5.59		7.21	8.28				12.54			16.8				20.28	21.56			
Pedreira	5.41	6.3		7.24	8.32				12.58			16.11	17.41			20 31	21.59			
Espinho	5.46	6.9	6.54	7.30	8.38	9.40	10.40	12.11	13.5	13.36	14.38	16.17	17.46	19.10	19.43	20.34	22.3			
Granja	5.53	6.15	7.4	7.36	8.44	9.46	10.46	12.18	13.11	13 42	14.44	16 23	17 53	19.16	19.50	20.40	22.9	22.52	23.30	0.2
Aguda	5.57	6.19		7.39	8.48	9 49	10.49		13.14		14.47	16.26	17.56	19.19		20 46	22.15	22.58	23.36	0.8
Miramar	6.2	6.24		7.44	8.53	9.54	10.54		13 19		14.52	16.31	18.1	19.24		20 49	22.19		23.39	
Fancellos	6.6	6.28		7.47	8.57	9 57	10.57		13 22		11.55	6.34	18 4	19.27		20.54	22 24		23.44	
Valladares	6.13	6 35	7.17	7.53	9.3	10.3	11.3	12.29	13 28		15.1	16.40	18.10	19.33	20.3	20.57	22.28		23 47	
Magdalena	6.17	6 40		7.57	9.8	10.7	11.7		13.32		15.4	16.44	18.14	19.37		21.3	22.34	23.12	23.53	
Coimbrões	6 22	6.45		8.2	9.13	10.12	11.12		13 37		15.10	16 49	18.19	19.42		21.7	22.38		23.57	
Gaya	6.28	6.52	7.40	8 6	9.18	10.16	11.16	12.39	14.10	13.59	15 14	16.53	18.23	19.46	20.15	21.12	22 43		0.2	
General Torres	6.32	6.56	—	8 10	9.22	10.20	11.20	12.43	—	—	15.19	16.57	18.27	19.50	—	21.16	22.47	23.32	0.6	0.25
Campanhã	6.39	7.3	7.50	8.17	9.29	10.27	1.27	12.50	14 24	14.7	15.25	17.4	18.34	19.57	20.25	21.20	22.51	—	0.10	—
S. Bento	—	7.11	8.14	8 26	9.39	10.36	11.38	13.1	—	14.15	15.34	17.12	18.44	20.6	20.36	21.27	22.58	23.46	0.17	0.33
																21.37	23.6	0.4	0.26	0.44

PADARIA CASAL RIBEIRO
RUA 25 numero 64
(Proximo á camara)
ESPINHO
Manipulação esmerada de pão trigo e milho
DISTRIBUIÇAO aos DOMICILIOS

Hotel e Restaurante
CAFE CHINEZ
DE
José Fernandes do Lago
Praia d'Espinho
Aberto todo o anno Proximo á estação.

OFFICINA
— DE —
PICHELEIRO E FUNILEIRO
DE
João Augusto de Souza
RUA N.º 14 CASA N.º 81 a 86 Antiga Rua Vaz d'Oliveira—ESPINHO
Tubos de ferro, galvanisados e ditos de chumbo para installações de agua e gaz. Torneiras de metal de todos os systemas. Apparelhos para latrinas e bacias para os mesmos. Bombas aspirantes e de pressão para poços ou sisternas. Obras de folha, zinco, cobro e chapa galvanisada. Apparelhos para gaz acetylene os mais perfeitos e economicos. Bicos e accessorios para os mesmos. Recebem-se encommendas para as provincias e manda-se pessoal competentemente habilitado para qoalquer obra que diga respeito a esta industria, etc., etc.
PREÇOS SEM COMPETENCIA

HOSPEDARIA
AMORIM
Largo do Passeio Alegre, junto ao jardim e em frente á Estação, lado oposto.
Aberto todo o anno, até ao ultimo comboio do Porto.

MONTENEGRO DOS SANTOS
NOTARIO PUBLICO
RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260
ESPINHO

ALBERTO MILHEIRO
Cirrurgião dentista
Prothese e operações dentarias
Passeio Alegre 10-1.º
Em frente ao coreto da Graciosa

Nuclarrhenina Ferreira
NON VERITATE SOLUM, SED ETIAM FAMA NITI
Marca e nome registados em Portugal
Os fasfcadores se ão pundos confome a e.